

0063 - Hugo da Silva Moraes

Os Velhos Cartolas, os Camisas Negras e uma Bola em Campo: Considerações Sobre o Papel do Vasco da Gama no Processo de Profissionalização do Futebol Carioca. (1923-1924).

---

Hugo da Silva Moraes\*

O presente artigo tem por objetivo aprofundar os debates em torno do papel do C.R. Vasco da Gama e de sua equipe de futebol na crise esportiva do futebol carioca em 1924. Através de uma pesquisa mais apurada dos jornais da época e dos debates historiográficos em torno do assunto, discutiremos o papel político do C.R. Vasco da Gama no interior das ligas amadoras da cidade e o embate entre os dirigentes vascaínos e os demais “cartolas” dos clubes cariocas. Além disso, analisaremos o impacto da surpreendente conquista do campeonato carioca de 1923 pelos “Camisas Negras” e a sua influência na crise do futebol carioca em 1924.

Palavras-Chaves: Sociedade, Futebol Carioca, Vasco da Gama e Profissionalismo.

I- O Panorama do Futebol Carioca na década de 20.

De modismo elegante das elites cariocas no início do século XX, o futebol chegava a década de 10 como um “esporte triunfante”<sup>1</sup>, com um grande número de adeptos e de clubes que se multiplicavam por toda cidade do Rio de Janeiro. Consagrado nos gramados e nas seções esportivas dos jornais cariocas, essa febre avançou pela década de 1920, em que valores amadores, que o definiam como um “ethos”<sup>2</sup> das elites, foram sendo gradativamente transpostos por aspectos que destacavam um processo acelerado de profissionalização.

Porém, além de provocar uma série de conflitos esportivos e políticos, as tensões entre o modelo amador e as práticas profissionais revelavam que o futebol estava em um franco processo de transformação. Entre as entidades esportivas a que mais representou este contexto de mudanças foi o C.R. Vasco da Gama, clube que ganhou notoriedade política e esportiva após a surpreendente conquista do campeonato carioca de 1923 e a sua participação na crise que se abateu sobre o futebol carioca em 1924.

---

\* Mestre em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP.

<sup>1</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.

<sup>2</sup> BOUDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990. P. 140.

0063 - Hugo da Silva Moraes

Semelhante aos grandes clubes da cidade, o Vasco da Gama viveu um aumento expressivo de sócios após a criação da seção de esportes terrestres. Para o memorialista José da Silva Rocha a adesão do Vasco da Gama ao futebol em 1915 causou o que ele chamou de uma “*Revolução futebolística*”. Tal ocorrência teria sido causada pelo intenso “*processo de ingresso de associados*” contagiados pela “*expansão do clube nos desportos terrestres*”<sup>3</sup> chegando ao “*número de quase duzentos*” durante o ano de 1917 e atingindo em 1921 “*o número de mil e oitocentos sócios*”.<sup>4</sup>

O aumento de sócios – grande parte atraídos pelo sucesso das equipes de futebol - permitiu ao clube uma melhoria considerável de sua condição econômica, exigindo de seus dirigentes uma administração cada vez mais voltada para uma lógica capitalista. No ano de 1920 o clube de Santa Luzia acumulava seus recursos “*em três Bancos: Banco Ultramarino, British Bank e Banco Português do Brasil*”<sup>5</sup> e os saldos destas contas “*ultrapassavam cinquenta contos de réis*”. Estas verbas eram destinadas, por exemplo, ao pagamento das altas jóias pagas as ligas de futebol, aos materiais esportivos, ao aluguel e até mesmo a compra do terreno para a construção de um Estádio na Rua Moraes e Silva além do suporte financeiro dado às comissões técnicas.

E foi esse investimento que promoveu a rápida ascensão das equipes vascaínas às primeiras divisões do campeonato no período de 1917 a 1923. E foi esse sucesso que fez com que o Vasco da Gama atraísse uma soma considerável de torcedores não filiados aos estádios, garantindo assim, uma nova fonte de renda para o clube. No caso do Vasco da Gama, esse aspecto ficou mais evidente com o estrondoso sucesso dos “Camisas Negras” que, em seu ano de estreia na primeira divisão, sagrou-se campeão, um título conquistado apenas pelos clubes mais aristocráticos da cidade.

O sucesso dos novos casacas do Vasco da Gama foi tão significativo que num confronto entre o C.R. do Flamengo x C.R. Vasco da Gama<sup>6</sup> pelo segundo turno do Campeonato Carioca

---

<sup>3</sup> ROCHA, José da Silva. Club de Regatas Vasco da Gama: Histórico (1898-1923). Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Olímpica, vol.1, 1975. p.227.

<sup>4</sup> ROCHA, 1975. p.269.

<sup>5</sup> ROCHA, 1975. p.275.

<sup>6</sup> Esse jogo atraiu um grande público principalmente porque neste momento do campeonato, o C.R. do Flamengo estava a 1 vitória atrás do Vasco da Gama e esta vitória manteriam os rubro-negros na disputa do título.

0063 - Hugo da Silva Moraes

de 1923 o público atingiu, de acordo com jornais da época, “*sem exagero, para mais de 35000 pessoas*”.<sup>7</sup> O interesse por este jogo foi tanto que “*ainda em meio do jogo dos segundos teams, o povo das archibancadas se viu na contingência de invadir o campo, por se sentir, talvez, sem ar [...]*”. Esse interesse se deve à invencibilidade defendida pelos “*Camisas Negras*” e à tentativa do clube rubro-negro de alcançá-lo na liderança da tabela. Para a partida, a diretoria do C.R. do Flamengo intensificou os treinamentos e contou com o retorno de Aníbal Candiota, que havia se aposentado no início do ano e que retornara especialmente para disputar tal partida. Para Mário Filho o sucesso do Vasco da Gama era algo incômodo para as entidades mais tradicionais, o que fez do C.R. do Flamengo naquele momento “*um clube, um time, [...] todos os clubes, todos os times, o futebol brasileiro*”.<sup>8</sup>

Os números de fato eram impressionantes e nunca vistos nos campeonatos da cidade. O Jornal do Brasil apontou que a assistência “deveria ter atingido 40.000 pessoas afora as 5.000 que não conseguiram penetrar naquele recinto literalmente ocupado”.<sup>9</sup> Na prática estes jogos representavam uma soma importante nos cofres dos clubes. Como exemplo, O Correio da Manhã teve acesso ao borderô do jogo Vasco da Gama x Fluminense em 1923, em que a tesouraria do primeiro clube apontava um rendimento bruto de 27:368\$500<sup>10</sup>, sendo repassado à prefeitura 2% deste valor (2:999\$480) e 10% para a Liga Metropolitana de Desportes Terrestres (LMDT) (2:426\$002), obtendo um total líquido de 24:269\$020 réis.

## II- Os Novos Casacas.

Diferentemente de outras equipes, o sucesso do time do Vasco da Gama esteve ligado diretamente à inserção de uma mentalidade mais profissional em suas equipes. Introduzidas por outros clubes ao longo do século XX, estas práticas profissionais sempre conviveram de maneira tensa com os valores amadores. Porém, a partir da segunda década do século XX estas tensões tornavam-se mais latentes. O interesse por bons resultados e pelo lucro obtido por eles

<sup>7</sup> O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 jul. 1923. Vida Desportiva.

<sup>8</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2003. p.124.

<sup>9</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro: 10 jul. 1923.

<sup>10</sup> O valor total corresponde à seguinte lotação: 645 cadeiras a 5\$000 - 3:225\$000, 5.665 arquibancadas a 3\$000 - 16\$995\$000 e a 4.600 gerais a 1\$500 - 7:048\$500. Este preço corresponde a aproximadamente cinco carros novos do modelo Ford à 4:870\$000 ou aproximadamente 10 meses de aluguel de uma casa no centro da cidade com 24 quartos, mobiliados, dois banheiros com aquecedor, cozinha com fogão a gás rendendo 2:800\$000 mensais. Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 25 mai. 1923. Correio Sportivo.

0063 - Hugo da Silva Moraes

continuou produzindo uma série de mudanças nas relações entre o clube e o jogador cada vez mais submetidos a um processo de disciplinarização<sup>11</sup> das práticas esportivas.

Essa disciplinarização esteve relacionada a um processo em que os clubes removiam seus jogadores “*das relações sociais rotineiras e deslocado para um espaço confinado*”<sup>12</sup> pelo clube, sujeitando-se “*as novas e rígidas disciplinas, e examinado por ‘especialistas’ ou por outras figuras de autoridade científica*”. No caso do Vasco da Gama este processo se intensificou com a contratação do uruguaio Ramón Platero para treinar os seus novos casacas em 1922.

Ainda na segunda divisão, após ter assinando um “*contrato nas condições estipuladas em ato simples na própria loja de calçados de Antônio Campos*”<sup>13</sup>, Ramón Platero iniciou um trabalho estruturação da seção de esportes terrestres, utilizando as modestas instalações do campo da Rua Morais e Silva onde improvisou um centro de treinamento e uma concentração para os jogadores.

*“Em quinze dias as dependências de Moraes e Silva encheram-se de camas, colchões, travesseiros para os dormitórios e material de cozinha para o primeiro almoço dos jogadores. E fixou que os treinos de preparação física seriam de madrugada.*

*Às cinco e meia Ramon Platero, como um despertador no seu linguajar meio espanholado acordava toda a turma: -‘Alça e meneia que el dia clareiaaaa...’ -E chama nominalmente os mais dorminhocos: ‘Leitô, Bráulio, Nelson...’”<sup>14</sup>*

Esta disciplinarização imposta por Platero aos “Camisas Negras” deu ao Vasco da Gama o seu primeiro título carioca, desbancando clubes tradicionais como o Flamengo, campeão carioca de 1921 e o América, campeã do Centenário em 1922. De fato, a mentalidade mais profissional dos dirigentes vascaínos foi um ponto chave para o sucesso desta equipe. Além de contratarem Ramón Platero e de o darem liberdade para impor o seu ritmo de treinamento, os diretores do Vasco da Gama foram às ruas da cidade a procura de novos jogadores que iriam compor a equipe para a temporada de 1923.

<sup>11</sup> GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol. Dimensões Históricas e Socioculturais do Esporte das Multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. p. 144.

<sup>12</sup> GIULIANOTTI, 2002. p.143.

<sup>13</sup> ROCHA, 1975. p.316.

<sup>14</sup> ROCHA, 1975. p.316.

0063 - Hugo da Silva Moraes

Em grande parte, os jogadores do Vasco da Gama eram elementos que vinham de estratos mais pobres da sociedade. Jogadores como Nelson da Conceição, um chofer negro, e os operários Albanito Nascimento, Claudionor Correa (o Bolão) e Leitão “*branco que tinha aprendido a jogar futebol no largo da igreja*”<sup>15</sup> são exemplos de indivíduos que tinham na prática do futebol nos terrenos baldios, uma oportunidade de ingressarem nas equipes de futebol na cidade. Possivelmente, o diferencial destes jogadores estava no afastamento de uma leitura europeizada em que “*tinham que jogar à européia, repetindo os movimentos e jogadas ensinadas pelos folhetos ingleses que se vendiam junto com o material de jogo*”<sup>16</sup>, como destacou José Rufino dos Santos.

Além de realizar a procura de elementos talentosos nos bairros mais modestos da cidade, os dirigentes vascaínos mostraram-se hábeis negociadores, convencendo alguns jogadores a trocarem os seus clubes e ingressarem na equipe cruzmaltina. Um caso foi Ceci, contratado pelo Vasco da Gama mesmo depois de ter dado a sua palavra aos “*directores do club da camisa verde [o Andaraí A.C.] que contavam como certo, o concurso desse player*”.<sup>17</sup> Outro exemplo curioso foi o de Claudio Destri, que havia saído do Bangu A.C., e já era confirmado como jogador do America “*tendo até, [...] treinado pelo campeão do Centenário contra o Fluminense*”<sup>18</sup>, mas que acabou indo para o clube de Santa Luzia.

Por mais que os relatos jornalísticos não apontassem claramente, esta movimentação dos dirigentes a procura de novos talentos reforçam a hipótese de que estes atletas recebiam algum tipo de remuneração. No caso do C.R. Vasco da Gama essa situação foi ainda mais explícita. Os jogadores convidados pelo clube recebiam gratificações a cada bom resultado conquistado no campeonato. Este benefício ficou conhecido como “bicho” porque, em algumas oportunidades, os jogadores embolsavam “*cinco [...] dez [...] vinte [...] cinquenta mil réis*”<sup>19</sup> em outras recebiam “*um cachorro, [...] um coelho [...] uma vaca*” como pagamento.

Esta questão se explica diante retorno financeiro que esta equipe poderia trazer para o clube. No caso do Vasco da Gama, além do aumento do número de sócios contribuintes e de

<sup>15</sup> RODRIGUES FILHO, 2003. p.120.

<sup>16</sup> SOARES, Antônio Jorge. *História e Invenção das Tradições no Campo de Futebol*. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antônio Jorge, LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País do Futebol. Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001. p.33.

<sup>17</sup> O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 mar. 1923. Vida Desportiva.

<sup>18</sup> O Imparcial, Rio de Janeiro: 24 mar. 1923. Vida Desportiva.

<sup>19</sup> RODRIGUES FILHO, 2003. p.123.

0063 - Hugo da Silva Moraes

torcedores, havia uma ânsia dos portugueses em lucrarem nas rodas de apostas e os “Camisas Negras” eram um excelente investimento. Ou seja, não seria por um acaso o interesse dos dirigentes vascaínos no processo de disciplinarização dos jogadores, exigindo destes uma rotina de treinos e de concentração muito maior.

O profissionalismo exacerbado imposto pelos dirigentes do Vasco da Gama aos “*Camisas Negras*” provocou uma reação das equipes adversárias, que fizeram uma reclamação à Liga Metropolitana que “*resolveu mandar sua comissão de Sindicância apurar e investigar a veracidade das informações sobre os atletas do Vasco*”.<sup>20</sup> Contudo, chegando aos estabelecimentos comerciais os representantes da LMDT “*recebiam sempre a mesma resposta: os empregados que procuravam estavam realizando serviços externos*”. De acordo com os relatos de José Rocha estes jogadores não estariam trabalhando nestes estabelecimentos e sim em concentração, pois as horas de ócio destes jogadores eram “*controladas de sorte a evitar desgastes prejudiciais ao melhor estado físico*”.<sup>21</sup>

Treinamentos diários, concentrações antes dos jogos, pagamento de salários e uma comissão técnica profissional não condiziam com o lirismo que muitos memorialistas tratavam equipe do Vasco da Gama. Muito relacionada à questão racial destacada na década de 30, o bom desempenho destas equipes formadas por elementos mais populares não podem ser resumidas a vantagens obtidas pelo fator racial como as “*idéias/qualidades de manha, malícia, malandragem, capoeira, ginga, samba, improviso, arte, etc*”.<sup>22</sup>

Por mais que estes jogadores de origens mais modestas fossem responsáveis por “*micro-invenções do jogo*”<sup>23</sup> como afirmou José Leite Lopes, o excelente condicionamento físico da equipe de Ramón Platero foi o grande trunfo. O próprio Mário Filho, que em sua obra - O Negro no Futebol Brasileiro - destacou o aspecto racial como um fator importante para o sucesso dos “*Camisas Negras*”, enfatizou que “*o Vasco não se incomodava de perder o primeiro half-time*”, pois, “*no segundo half-time os jogadores do outro time estavam que nem podiam se*

<sup>20</sup> NAPOLEÃO, Antônio Carlos. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira, SANTOS, Ricardo Pinto (Orgs.). Memória Social dos Esportes. Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Ed. Mauad. 2006. p.95.

<sup>21</sup> ROCHA, 1975. p.334.

<sup>22</sup> SOARES, Antonio Jorge. *Futebol Brasileiro e Sociedade: A Interpretação Culturalista de Gilberto Freyre*. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. Porto: v.7, n.3, p.145-172. 2007. p.150.

<sup>23</sup> SOARES, 2001. p.32.

0063 - Hugo da Silva Moraes

*sustentar em pé*". Segundo o autor era nesse momento que "os jogadores do Vasco pareciam que nem tinham começado a jogar".<sup>24</sup>

Essa era também a opinião dos jornalistas que cobriram os jogos do Campeonato de 1923. Para Ary Koerner do *Correio da Manhã*, o Vasco da Gama "fez o que nenhum outro fez", cuidou "de se preparar e demonstrou mais uma vez que nomes sómente nada adiantam a um team. Treino e capricho foram os fatores que mais concorreram para a conquista do Onze vascaíno". Essa afirmativa é reforçada por algumas reportagens da época, como a de Célio de Barros do *Jornal do Brasil*, que destacou "como justa a conquista vascaína". Para ele, o clube "compreendeu como se deve praticar o Sport [...] preparou-se convenientemente, com tempo, para entrar em campo em perfeita forma".<sup>25</sup>

### III- Os Velhos Cartolas

O ano de 1923 também ficou marcado pela sublevação política dos pequenos clubes – representada pela eleição de Agrícola Benthlen, do Vila Isabel para a presidência da LMDT. Diante deste quadro, o ano de 1924 caracterizou-se por uma tentativa do restabelecimento do poder político e esportivo dos chamados "grandes"<sup>26</sup> pela imprensa – America, Botafogo, Flamengo e o Fluminense. Como justificativa, as reformas impostas por estas entidades à LMDT tinham como principal alvo o restabelecimento do amadorismo como princípio norteador da prática esportiva.

Após uma série de reuniões, o projeto de moralização esportiva proposto pelos clubes tradicionais não repercutiu satisfatoriamente entre os demais clubes. Apoiados pela imprensa especializada, os grandes clubes decidiram sair da LMDT fundando uma nova entidade, a Associação Metropolitana de Esportes Terrestres (AMEA). Desde os primeiros momentos de sua criação, a AMEA se mostrava uma entidade muito mais comprometida com os interesses dos grandes clubes do que com a tão falada moralização do futebol carioca.

---

<sup>24</sup> RODRIGUES FILHO, p.121

<sup>25</sup> ROCHA, 1975. p.347.

<sup>26</sup> Além do America, Botafogo, Flamengo e Fluminense, o Bangu foi incluído pelos grandes neste seletivo grupo.

0063 - Hugo da Silva Moraes

Entre as regras mais questionadas, Antônio Jorge Soares destaca o artigo 9º, o qual “*era certamente um dos pontos conflitivos*”.<sup>27</sup> O sistema de votação no interior da AMEA obedeceria a uma hierarquia em que “*os membros fundadores e efetivos teriam direito permanentemente a cinco votos, e mais um por esporte praticado*”. Já os clubes especialistas – aqueles que disputavam poucas ou uma atividade esportiva apenas – “*teriam permanentemente um voto, e mais um por esporte praticado*”.

Os reflexos deste sistema desigual de votação não tardaram a aparecer. Sem se atentar para as regras estatutárias que exigiam que os clubes tivessem praças esportivas que comportassem toda a sorte de esportes, a AMEA organizou uma série<sup>28</sup> com oito “*clubes que preenchesse taes e taes requisitos e que se submetessem a todas as exigências*”.<sup>29</sup> Entre os novos sócios, foram aceitos “*três dos inúmeros candidatos: o Club de Catumby [o Helênico], o velho Andarahy e o campeão de 1923*”, deixando “*à margem o S.C. Brasil*”<sup>30</sup>, clube que apoiou politicamente a reforma dos estatutos e que possuía um “*excellente terreno na Praia Vermelha, [...] com área para as instalações [...] de sports terrestres e aquáticos*”<sup>31</sup> e o São Cristóvão F.C.

Depois de repercutir “*desagradavelmente nos círculos desportivos da nossa capital, dando ocasião a commentários desabonadores para a novel entidade*”,<sup>32</sup> a AMEA resolveu por uma série<sup>33</sup> com dez clubes, incluindo os dois antes barrados. Tal decisão repercutiu negativamente nos jornais. O *Correio da Manhã* posicionou-se contrário, recordando que, de acordo com a “*lei nova*”, seriam formadas “*duas únicas séries de oito clubes*”.<sup>34</sup> Segundo a reportagem, o desrespeito às regras demonstravam claramente que “*não houve o intuito de moralizar*” presidindo entre os clubes “*o desejo de galgar posições e de se exhibir*”.

---

<sup>27</sup> SOARES, 1998. p.284.

<sup>28</sup> A entidade deveria organizar uma eliminatória olímpica para selecionar os oito clubes que disputariam a primeira divisão do campeonato carioca.

<sup>29</sup> Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 abr. 1924. Correio Sportivo.

<sup>30</sup> O Imparcial, Rio de Janeiro: 1 abr. 1924. Vida Desportiva.

<sup>31</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro: 1 abr. 1924. Diário Desportivo.

<sup>32</sup> O Imparcial, Rio de Janeiro: 1 abr. 1924. Vida Desportiva.

<sup>33</sup> A 1ª divisão seria composta por Fluminense F.C., C.R. do Flamengo, America F.C., Botafogo F.C., C.R. Vasco da Gama, Bangu A.C., Andaraí A.C., Helênico A.C., S.C. Brasil e São Cristóvão A.C.. O Imparcial, Rio de Janeiro: 2 abr. 1924. Vida Desportiva.

<sup>34</sup> Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 abr. 1924. Correio Sportivo.

0063 - Hugo da Silva Moraes

Porém, na mesma semana os “grandes clubes” criariam uma nova polêmica estabelecendo que as entidades filiadas jogariam somente “*nos sábados à tarde, acrescentando numa cláusula, [...] que os privilegiados não se julguem com o direito adquirido a permanência na primeira divisão*”.<sup>35</sup> Longe de uma defesa incontestada do amadorismo, os “grandes clubes”, impuseram aos seus associados regras que mantinham-nos desfavorecidos político e esportivamente. Entre as entidades filiadas a AMEA, além do S.C. Brasil, o Andaraí A.C. pediria sua desfiliação alegando “*não poderem os seus jogadores tomar parte em matches aos sábados*”<sup>36</sup> e, com o mesmo motivo, o C.R. Vasco da Gama também anunciava o seu retorno à antiga Liga Metropolitana.

Entre as principais renúncias, a do Vasco da Gama foi a que mais repercutiu nos círculos esportivos e na imprensa da cidade. Essa importância se deve a tradição do Vasco da Gama no contexto esportivo carioca, tanto em competições de remo quanto no futebol. Além disso, o Vasco da Gama representava a colônia portuguesa e, parte destes seus membros, pertencia aos estratos mais elevados da sociedade carioca. Após uma série de reuniões em sua sede, o presidente José Augusto Prestes pronunciou, através de uma carta, todo o seu descontentamento em relação ao excesso de autoritarismo por parte dos “grandes clubes”, principalmente os “*privilégios concedidos aos cinco clubs fundadores da AMEA e a forma porque será exercido o direito de discussão e voto, e feitas às futuras classificações*”.<sup>37</sup> Posicionando-se como uma vítima dos mandos e desmandos políticos da AMEA, o presidente ainda destacou que o estatuto era preconceituoso, e que a posição subalterna do Vasco da Gama estava sendo definida a partir das “*difficultades do nosso campo, [...] [da] simplicidade de nossa sede, [e da] condição modesta do grande número dos nossos associados*”.

Mantendo em seu discurso sobre o preconceito social, José Augusto Prestes não se conformou com o afastamento sumário de alguns de seus jogadores. Para ele, “*o processo por que foi feita a investigação das posições sociaes desses nossos consórcios*” foi “*levada a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa*”, afastando dos campos “*alguns dos que lutaram para que tivéssemos entre outras victórias, a do Campeonato de Football da cidade*” e outros “*jovens, quasi todos brasileiros, no começo da sua carreira*”.

<sup>35</sup> Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 8 abr. 1924. Correio Sportivo.

<sup>36</sup> O Imparcial, Rio de Janeiro: 10 abr. 1924. Vida Desportiva.

<sup>37</sup> O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 abr. 1924. Vida Desportiva.

0063 - Hugo da Silva Moraes

A resposta da AMEA ao ofício do Vasco da Gama reforça a proposta de que essa entidade buscava uma forma de assegurar o controle político do futebol. Surpreso por tomar conhecimento do ofício “*pela leitura de jornaes*”,<sup>38</sup> Arnaldo Guinle rebateu o protesto sobre o excesso de autoritarismo por parte dos clubes fundadores destacando “*que a organização da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos já era conhecida de V. Ex. antes do pedido de filiação desse club*”, reforçando que “*os direitos dos clubs actualmente fundadores da AMEA*”, não seriam “*os mesmos concedidos ao club por V. Ex. dirigido*”. No que tange ao impedimento de alguns atletas do Vasco da Gama, Arnaldo Guinle se mostrou surpreso pelo fato do Vasco não ter protestado em relação à sindicância, afirmando que “*nunca poderia ter negado a quem quer que fosse o direito de defesa*”.

Mesmo embasando suas respostas sob um foco estritamente político, a carta do presidente da AMEA revelou de fato um preconceito social e também racial quanto à composição da equipe do Vasco da Gama. A esperança de Arnaldo Guinle era de que o clube “*fizesse todos os esforços para constituir equipes genuinamente portuguesas*”. De acordo com o representante da AMEA “*não havia [...] outra colônia capaz de apresentar melhores elementos [...] para uma demonstração sportiva das verdadeiras qualidades desta nobre raça secular*”, lamentando-se pelo fato de o próprio Vasco da Gama ter negado tal premissa, já que devido “*o regímen de trabalho pesado do comércio portuguêz*”, seria praticamente impossível “*que os seus empregados deixassem as suas occupações para se entregar ao preparo indispensável aos jogos dos campeonatos officiaes da AMEA*”.<sup>39</sup>

A posição social de muitos sócios portugueses do Vasco da Gama garantia parte do prestígio do clube diante dos olhos de Arnaldo Guinle. Contudo, o cultivo das boas relações entre Guinle e alguns nomes da elite lusitana não foi suficiente para que o Vasco da Gama permanecesse na AMEA. Mesmo com o corte da maioria dos atletas, os critérios estabelecidos pela nova entidade, o Vasco retornou para a LMD poupando alguns jogadores consagrados na temporada de 1923 como o goleiro do Vasco da Gama, o chofer Nelson da Conceição.

Portanto, a AMEA era uma forma de os “grandes clubes” assumirem o comando do futebol carioca. O autoritarismo do ano de 1923 que pôs os “grandes clubes” em uma posição de

<sup>38</sup> O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 abr. 1924. Vida Desportiva.

<sup>39</sup> O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 abr. 1924. Vida Desportiva.

0063 - Hugo da Silva Moraes

igualdade perante seus pares foi o motivo necessário para que America, Botafogo, Bangu, Flamengo e Fluminense pudessem impor o seu poder político – fundamentado na tradição destas entidades no cenário esportivo carioca – sobre as outras entidades. Aparentemente a AMEA representaria o baluarte do futebol amador diante dos intensos debates políticos e da politicagem dos “pequenos clubes”.

Por mais que a AMEA tentasse garantir a sua distinção a partir do critério do amadorismo, o processo de profissionalização já havia fugido do controle dos clubes de futebol. Um clássico de futebol movimentava um mercado que envolvia a venda de milhares de exemplares de jornais, a venda de ingressos por parte dos clubes, o gasto com uniformes, alimentação, massagistas, técnicos e com a manutenção dos estádios. Dentro desta perspectiva, as questões políticas e esportivas que envolviam as competições ganhavam um peso significativo.

### **Conclusão**

Dentro de campo, a vitória dos “*Camisas Negras*” foi uma demonstração de que havia uma mudança na própria prática do futebol. Cada vez mais distante dos valores amadores, os clubes passaram a investir institucionalmente melhorando a condição dos estádios e com a contratação de um quadro técnico de profissionais como técnicos, médicos e preparadores físicos. Esta estrutura servia para aprimorar o desempenho físico e técnico dos jogadores da equipe, alterando a dinâmica de treinamentos, impondo a concentração para seus atletas e um ritmo intenso de atividades físicas.

Portanto, a AMEA foi uma forma de os chamados grandes clubes assumirem o comando do futebol carioca. O autoritarismo do ano de 1923 que pôs os grandes clubes em uma posição de igualdade perante seus pares foi o motivo necessário para que America, Botafogo, Bangu, Flamengo e Fluminense pudessem impor o seu poder político a partir de um carisma – fundamentado na tradição destas entidades no cenário esportivo carioca – sobre as outras entidades. Aparentemente a AMEA representaria o baluarte do futebol amador diante dos intensos debates políticos e das práticas escusas dos chamados pequenos clubes.

0063 - Hugo da Silva Moraes

## Bibliografia

### Fontes Primárias (Biblioteca Nacional -Seção de Periódicos)

Correio da Manhã, O Imparcial. Rio de Janeiro e Jornal do Brasil. Rio de Janeiro (1923-1924)

### Obras

**BOUDIEU**, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

**GIULIANOTTI**, Richard. *Sociologia do Futebol. Dimensões Históricas e Socioculturais do Esporte das Multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. p. 144.

**NAPOLEÃO**, Antônio Carlos. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). In: **SILVA**, Francisco Carlos Teixeira, **SANTOS**, Ricardo Pinto (Orgs.). *Memória Social dos Esportes. Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad. 2006. p.95.

**PEREIRA**, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.

**ROCHA**, José da Silva. *Club de Regatas Vasco da Gama: Histórico (1898-1923)*. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Olímpica, vol.1, 1975.

**RODRIGUES FILHO**, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4º Ed. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2003. p.124.

**SOARES**, Antônio Jorge. *História e Invenção das Tradições no Campo de Futebol*. In: **HELAL**, Ronaldo, **SOARES**, Antônio Jorge, **LOVISOLO**, Hugo. *A Invenção do País do Futebol. Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001. p.33.

**SOARES**, Antonio Jorge. *Futebol Brasileiro e Sociedade: A Interpretação Culturalista de Gilberto Freyre*. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Porto: v.7, n.3, p.145-172. 2007. p.150.